

O QUE EXISTIA, ANTES DOS MITOS?

Psicanálise e Mitologia grega revisitada.

Lazslo A. Ávila

O Inconsciente é essa porção mítica de nossa mente, a partir da qual brotam incessantemente a força viva que nos habita e as figurações que nascem dela. Assolados por essas pulsões misteriosas, que em contato com nossa psique geram as representações com as quais pensamos a nós mesmos e pensamos o mundo, vamos vivendo uma vida incessantemente mutável, porque continuamente criada. Somos, cada um de nós, uma história. Uma história viva, em contínua transfiguração. Somos iguais ao mito.

É da seguinte forma que o grande mitólogo contemporâneo, Mircea Eliade, apresenta a relação entre a função mítica e a auto-representação dos homens:

“O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. (Eliade, 1999, p. 11)

Para o pensador romeno, o pensar mítico está na origem de todos os processos culturais fundamentais, seja qual for a cultura da qual se trate. O mito estaria assim, nos próprios fundamentos de cada sociedade e, muito especialmente, nas chamadas *sociedades tradicionais*, em que o mito permanece uma força viva, ativa e manifesta nas incontáveis manifestações culturais, específicas para cada povo:

“Os mitos descrevem as diversas e muitas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do sobrenatural) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.” (Eliade, 1999, p. 11)

Nessa bela definição, vemos o significado do pensar mítico para a construção dos elementos de auto-representação do que é o Homem, qual o lugar que ele ocupa no Universo, qual a sua relação com a Natureza, com a Divindade, com os outros homens, e com o mundo humano como um todo, onde o sexo, a morte e a sobrevivência são fatores capitais. O mito é, então, uma narrativa que procura desvendar as origens do que é o humano, e o motivo pelo qual ele apresenta suas características definidoras.

É bastante semelhante a concepção trazida por G. Durozoi, em seu *Dicionário de Filosofia*: “Um mito é um relato fabuloso de caráter mais ou menos sagrado, que concerne a seres que personificam os agentes naturais ou as origens de uma sociedade. Nas culturas em que é ativo, o mito serve de referência justificadora ou de modelo.” (Durozoi, 1999, p. 326)

Mas é preciso diferenciar o mito da mitologia: “O primeiro é principalmente falado e tem funções religiosas; a segunda depende de uma narrativa escrita dos mitos, e da sua introdução no universo literário.” (Clément, 1999, p. 257). Já o mito, de acordo com É. Clément, representa uma: “Narrativa extraordinária relatando aventuras de deuses, semi-deuses ou heróis, passadas fora do tempo da história, sobre a qual, no entanto, eles influem (ex. os mitos da formação do mundo ou do destino da alma depois da morte).” (p. 258)

Os mitos tiveram sempre importante papel na organização social, pois asseguram os vínculos comunitários, ao remeter todos os membros a uma origem em comum. A coesão grupal é fortalecida, ritos se desenvolvem e, em conjunto com as narrativas, vão dando sentido e justificativa aos fatos e acontecimentos tanto do mundo natural quanto do mundo social.

É essa a abordagem de Pierre Grimal, considerado um dos principais investigadores da mitologia clássica:

“O mito, na Grécia, participa em todas estas naturezas. Tanto se colore de história, e serve de título de nobreza às cidades ou às famílias, como se desenvolve em epopeia ou como vem apoiar ou explicar as crenças e os ritos da religião. Não lhe é estranha nenhuma das funções que, noutros locais, reveste a lenda. Mas o mito é ainda outra coisa.” (...) “A palavra grega que serve para o designar aplica-se a toda a história que se conta tal como ao assunto de uma tragédia ou de uma comédia ou, ainda, a uma fábula de Esopo. O mito opõe-se ao *logos*, como a fantasia à razão, a palavra que conta à que demonstra. *Logos* e *mythos* são as duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida do espírito.” (Grimal, 2000, p. 17)

Mas os muitos mitos mundo afora também buscam representar aquilo que foge à ordem, que a dilacera ou a re-inventa, como no mito grego de Dionísio.

“Dionísio encarna, segundo a bela fórmula de Louis Gernet, a figura do Outro. Seu papel não é o de confirmar e confortar, sacralizando-a, a ordem humana e social. Dionísio põe essa ordem em questão; despedaça-a, revelando pela sua presença um outro aspecto do sagrado, não regular, estável e definido, mas estranho, inapreensível e desorientador. Único deus grego dotado de um poder de maya, está além de todas as formas, escapa a todas as definições, reverte todos os aspectos, sem se deixar encerrar em nenhum. Ao modo de um ilusionista, joga com as aparências, elimina as fronteiras entre o fantástico e o real. Ubíquo, não está nunca onde está, está sempre presente, ao mesmo tempo, aqui, alhures e em parte nenhuma.” (Vernant, 1992, pp. 83-4)

Vemos nessa vívida descrição a busca humana por representar o que ainda não está representado, o que foge da Nomeação, o que ainda não ganhou significantes, e por isso angustia e demanda por delimitação e configuração. É nesses mitos que melhor percebemos algo da razão que levou os homens primitivos a produzirem suas mitologias: era preciso compreender o mundo, entender e dominar as forças muito superiores às humanas e que podiam decretar vida ou extinção, saúde ou doença, safras agrícolas fartas ou carestias e fome, pragas e epidemias, fenômenos atmosféricos, geológicos ou astronômicos. Através dos estudos mitográficos e mitológicos, vemos a importância e o significado dessa busca por representar o desconhecido. O homem ancestral procurou representar para conhecer; representar para dominar; representar para conseguir viver num mundo sem sentido.

UMA PERSPECTIVA OUTRA SOBRE OS MITOS

Em 2002 publiquei na Revista Pulsional um artigo com essa temática, onde explorei os mitos gregos do rei Édipo, de Narciso, de Dionísio, e os correlacionei a seus desenvolvimentos psicanalíticos, acrescentando algumas ideias sobre os “mitos psicanalíticos” da Horda Primitiva, das Pulsões e do Inconsciente.

Nesse artigo afirmei o valor da apropriação efetuada por Freud desse riquíssimo legado da tradição oral e escrita grega, que inicialmente através dos épicos de Homero e Hesíodo, e depois mediante as obras notáveis escritas para o Teatro, as Tragédias e Comédias de Sófocles, Ésquilo, Eurípides e Aristófanes, nos alcançou até o presente, tendo inseminado incontáveis produções culturais do Ocidente. Seus efeitos ainda não cessaram. Bem como as oportunidades para novos mergulhos e releituras nesse acervo talvez inesgotável de representações, metáforas e figuras da imaginação que permitem dar forma aos temores, terrores e anseios que habitam os seres humanos.

Lembremos, inicialmente, a importante passagem em que Freud, no *Totem e Tabu* (Freud, 1912/1995), discute a permanência em nós das memórias ancestrais:

“O caminho percorrido pelo homem da Pré-história em seu desenvolvimento nos é conhecido pelos monumentos e utensílios que nos legou, pelos vestígios de sua arte, de sua religião e de sua concepção da vida, que chegaram até nós diretamente ou transmitidos pela tradição nas lendas, nos mitos e nos contos, e pelas sobrevivências de sua mentalidade, que podemos voltar a encontrar em nossos próprios usos e costumes. Além disso, este homem da Pré-história é ainda, em certo sentido, contemporâneo nosso.” (Freud, 1995, p. 21)

Repito aqui o que formulei naquele artigo de 2002: “A vida é só um sonho, dizem os poetas. Quem valorizou mais o sonho, do que a Psicanálise? Quem pôs no sonho mais substância, mais realidade, do que o pensar analítico? Onde foi Freud buscar sua inspiração, senão no sonho e no sonho maior da Humanidade, seus mitos?”

Joseph Campbell expressa maravilhosamente esta conexão: “o sonho é uma experiência pessoal daquele profundo, escuro fundamento que dá suporte às nossas vidas conscientes, e o mito é o sonho da sociedade. O mito é o sonho público, e o sonho é o mito privado.” (Campbell, 1993, p. 42)

Para a Psicanálise, desde Freud, a Mitologia grega tem representado o grande repositório onde podemos buscar modelos que organizam descrições teóricas, sustentam imagisticamente hipóteses, permitem articulações com os fenômenos clínicos e asseguram constructos para a investigação metapsicológica.” (Ávila, 2002, p. 10-11)

Hoje quero dar forma a uma nova “inscrição cruzada” entre os mitos gregos e as categorias da Psicanálise. Ao invés de buscar algum dos muitos mitos gregos ainda não explorados e utilizá-lo como simbolização para processos e/ou conceitos elaborados pelos autores psicanalíticos; ou pelo caminho inverso, tentar através das descrições teóricas da psicanálise procurar dar sentido a produções elaboradas pelos gregos de quase 3000 anos atrás, tentaremos e tatearemos um novo caminho.

Vamos indagar sobre o que existia, na mente humana, antes da criação dos mitos. Quais processos mentais, quais pensamentos ou proto-pensamentos habitavam as mentes dos nossos ancestrais e os levaram a produzir os primeiros mitos em todas as culturas? Vamos adentrar o pântano das dúvidas, o local assolado por monstros inimaginados, o território assombroso do que ainda não está representado, o domínio do Pré-qualquer-coisa, do Antes, do Informe.

O que é isso? Será o *Isso* que Georg Groddeck lutava por caracterizar, embora insistindo em que o *Isso* do qual se poderia falar não era o *Isso* propriamente, de forma muito semelhante ao *Tao* que Lao-Tsé descortinava em seu *Tao te king*, e que não era o verdadeiro *Tao*? Vejamos como Groddeck descrevia o seu *Isso*:

“O *isso* do ser humano começa – já que se deve fazê-lo começar em algum lugar – com a concepção. Ele contém todas as forças que dominam a formação e a vida futura do indivíduo. A característica marcante desse ente é que ele resolve sem cérebro as tarefas mais difíceis da vida, e que o cérebro e, com ele, também o pensamento e mais o consciente e o ego, são criados por ele.” (Groddeck, 1926/1994, p. 189).

Esse *Isso* groddeckiano, em alemão *das Es*, representava para seu criador uma hipótese original, mas de forma nenhuma um conceito científico. Ele afirma: “E para não ser mal interpretado, devo incluir aqui uma rápida observação: por que falo de um *isso*, se um tal *isso* não existe. *Isso* acontece porque essa ficção, esse produto de minha fantasia devaneadora de médico, possui um valor extraordinariamente prático.” (Groddeck, 1926/1994, p. 244). Era com base nessa construção imaginária que ele podia atender seus pacientes e interpretá-los dando um caráter simbólico a seus sintomas corporais.

Freud reconheceu sua dívida para com Groddeck, fazendo ressaltar em seu *O Ego e o Id* (1923/1995) que derivou o seu *Id* do *Isso* de Groddeck.

Será, então, o *Id* freudiano, sem localização anatômica, constituído de forças e energias, e que possui um “umbigo” que conduz ao para sempre incognoscível? Será a *Pulsão*, essa entidade no limite entre o somático e o psíquico, essa “exigência de trabalho” que a psique deve atender, e que só se deixa reconhecer ao ganhar representações? Ou será o tal “rochedo biológico”, o “salto misterioso” que Freud tantas vezes invocou?

Freud assim se refere ao Inconsciente e à *Pulsão*:

“Antes de prosseguirmos, enunciemos o fato importante, embora inconveniente, de que o atributo de ser inconsciente (*Unbewusstheit*) é apenas um dos aspectos do elemento psíquico, de modo algum bastando para caracterizá-lo. Há atos psíquicos de valor (*Dignität*) muito variável que, no entanto, concordam em possuir a característica de ser inconsciente. O inconsciente abrange, por um lado, atos que são meramente latentes, temporariamente inconscientes, mas que em nenhum outro aspecto

diferem dos atos conscientes e, por outro lado, caso se tornassem conscientes, estariam propensos a sobressair num contraste mais grosseiro como o restante dos processos conscientes. Acabaríamos com todos os mal entendidos se, doravante, ao descrevermos os vários tipos de atos psíquicos, desprezásssemos a questão de saber se são conscientes ou inconscientes, e os classificássemos e correlacionássemos apenas em função de sua relação com instintos e finalidades, de sua composição e da hierarquia dos sistemas psíquicos a que pertencem.” (Freud, 1915/1995, p. 177)

Observe-se o rigor do criador da psicanálise na sua descrição do Inconsciente, e ao procurar articulá-lo ao constructo associado de Pulsão. Freud salienta: *“nossa suposição a respeito do Inconsciente é necessária e legítima (...) porque os dados na consciência apresentam um número muito grande de lacunas; tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova.”* (Freud, 1915, p. 172)

Mas, mesmo que perscrutemos em seus inúmeros trabalhos, constataremos que Freud não considerava nem o Inconsciente, nem a pulsão, e nem sequer o Corpo (o soma) como a origem da mente humana. Sua elaborada construção conceitual quanto ao aparelho psíquico o caracteriza como virtual, como instâncias em interação e conflito, energias e representações, mas não se encontra uma descrição da origem do pensamento, ou do psiquismo, a não ser na “fantasia antropológica” que é o *Totem e Tabu*.

Assim, não se trata nem do Isso e nem do Id, nem do Ego, nem da Pulsão. Se for qualquer uma dessas coisas, não será o que buscamos. Buscamos aqui o que parece ser Origem, porque veio antes de tudo, mas origem é alguma coisa, e isso não é. Buscamos esse Algo, que não é um objeto, não é uma coisa, não é um lugar, muito menos uma pessoa, não é uma força ou energia, não é uma fantasia, não é uma criação, não é inventado, não existe. E se não existe, por que insiste?

Será que esse isso é “O que será, o que será”, como Milton Nascimento e Chico Buarque cantaram? Não, porque essa é uma canção, um produto cultural, e que fala claramente do Desejo. Isso não é desejo, nem desejo do que não existe. Nem desejo de não existir. Isso é o que não é. Isso é algo anterior à criação.

Por que o homem cria? Aliás, por que Deus cria? Qual é a necessidade por trás da criação? Como o que não é pode necessitar de algo? O Nada parece não suportar sua própria condição. Engravidada de si mesmo. Gera algo para poder mover. Por isso é Verbo – move. Do movimento vem o resultado – agora algo já é, já existe.

Diz-se que no começo era o Verbo. Verbo é ação. Assim no começo Alguém resolveu agir. E criou. Aí já não era mais nada, passava a ser. Deixa de ser Nada, passa a ser o que é.

E então, de repente, já estavam os homens no mundo. Seres pensantes, curiosos, inquietos, aterrorizados. Pensaram e pensaram e se perguntaram: Por quê o que é, é? Filosofaram. Mas antes criaram Mitos.

E os primeiros mitos nasceram. Mitos sobre a Origem. Mitos sobre porque nasceu tudo. Mitos que buscavam entender, explicar, compreender e principalmente, que buscavam fazer falar, narrar aquela condição humana primordial – não saber. Por isso o Mistério sempre guiou os mitos e o mitar –essa palavra não existe, eu a inventei para significar o ato de criar, narrar e ouvir os mitos. Ao mitar o homem cria a sua capacidade de gerar um mundo psíquico, um mundo cultural. Inventa sua própria condição de homem, homem que gera o processo imaginativo-simbólico que é sua própria condição pensante, representacional.

Escher, em um famoso desenho, produziu o par de mãos que se desenham a si mesmas. Mãos criadoras e mãos criadas. O homem é assim – é a sua própria ação que o cria enquanto homem.

Mas é claro que antes ele foi criado. Mas o interessante é que sua mente parece nascer do seu próprio movimento de pensar. Pensar cria mente, mente cria pensamento. Mas não basta uma mente, um cérebro, precisam vários, muitos. A mente é um produto das relações entre sujeitos. Sem relação não há mente, não há pensamento, não há ser humano como tal.

E é preciso haver história, sucessão de gerações, transmissão. Assim, o mito nasceu, sabe-se lá onde ou porque, mas com certeza havia relações. Um contou para o outro. Juntos imaginaram. Juntos produziram. Juntos fizeram nascer uma imagem, história ou desenho que passou a agir sobre eles e a levá-los a imaginar mais. A se relacionar mais. A se perguntarem mais. A precisarem de um novo quadro de representações onde

mais e mais objetos e imagens nasciam, e um mundo ia sendo gerado. Um mundo que desde então podia sustentá-los. Mundo-mãe. Mundo-pai. Um mundo para desde então poder ser considerado a sua Origem, a sua religião, seu mito fundador.

Essa é uma mitologia sobre a origem dos mitos. Por que não poderia ser assim? A mente humana se necessita. Entenda-se. É com a mente que pensamos a mente. Somos a espécie mais improvável da natureza. O homem é um animal que não se aceita. Não aceita sua natureza, porque não tem propriamente uma natureza. Tem uma constituição biológica de primata, e um estranho aparelho de pensar, com o qual, em conjunto e relação com outros humanos, inventou sua condição humana. Criou uma natureza própria, especial, distinta, mutável, uma natureza inventada. E complicada. A natureza humana é uma contra-natureza. Por isso os mitos, quase todos, falam dessa estranha distância entre o homem e os bichos. Essa familiaridade e esse parentesco que, no entanto, são sempre rompidos por algum ato. Há um ato fundador. Com esse ato os homens tiveram sua Queda, perderam o paraíso da integração total com a natureza. Foram expulsos do Éden da animalidade.

Desde então somos homens. Meio bichos, meio deuses. Com uma inegável constituição animal, sobejamente demonstrada pela Medicina contemporânea, temos ao mesmo tempo uma psique, mente humana que nos habilita a participar (e a criar) Cultura. Seres culturais e não naturais, somos sempre fruto de nossas condições (culturais...). A Cultura é o caldo de cultura onde se forma a Mente. Mente, pensamento, psique, Razão, tantos nomes para essa capacidade de representar, conceber, imaginar, e dirigir ações que transformam o mundo. Mundo que se faz humano e nunca mais poderá ser vivido enquanto mundo natural. Uma árvore há muito tempo não é mais árvore – é madeira, é cenário, é objeto a ser manipulado, definido, configurado, utilizado e representado como objeto da mente e da cultura.

O que não dizer dos outros homens? Percebemos aos outros como elementos da natureza? Nunca! Os outros seres humanos são habitantes irremovíveis do mundo humano. Essa prisão é inescapável. Não há lado de fora dessa fortaleza. Uma vez humanos e aculturados, só existimos do lado de dentro da humanidade. Só podemos ser humanos, com todos os preços a pagar – e o principal é enfrentarmos a nossa própria desumanidade.

O que seria de nós se fôssemos humanos, indagava o grande Fernando Pessoa.

Mas não há chance de não o sermos. Somos irremediavelmente humanos. E isso implica em assumirmos a pesada herança de nossa história humana – uma história feita de guerras, de perseguições, de injustiças, de horrores. Nossa história, nossa memória compartilhada, o fundo de nossas mentes. Felizmente também houveram alguns atos grandiosos ou humildes, que deram dignidade e valor para os seres da nossa espécie.

Nada do que é humano me é alheio, gostava de repetir Freud, citando o pensador latino Terêncio. Portanto os gênios e os criminosos, os heróis e os infames, os generosos e os avaros, os capazes de sacrifícios e os que exploram os demais, os altruístas e os egoístas, os artistas e os incapazes, os com muito e os sem nada, os que nos causam orgulho e os que nos causam vergonha, todos são como nós, todos compõem aquilo que me compõe.

Sou feito da mesma matéria que o melhor e o pior ser humano. O que eu sou e o que faço passa a fazer parte do patrimônio comum que é o barro com o qual outros seres humanos serão feitos. O solo comum. O contexto e a matéria continuamente produzidos para que outros seres humanos se nutram e se apropriem. O homem é um vir-a-ser. Sim, mas é um vir-a-ser do que ele fizer dos outros e do que os outros fizerem dele.

Assim, os mitos são em si mesmos a nossa condição humana. O homem é um mito de si mesmo. O mundo (humano) é o mito do homem.

Freud nos mostrou, com sua poderosa intuição e seu esforço elaborativo, que:

1) nossa infância é imaginada (construímos o “romance familiar”, com o qual representamos a nós mesmos, com uma identidade própria, derivada de uma “origem” fantasiada, que nos revela nossos desejos);

2) nosso corpo é imaginado (nossas pulsões modelam o nosso corpo-organismo, e o conformam enquanto “corpo erógeno”; nossas fantasias continuamente o re-trabalham);

3) nossas pulsões são míticas (ele dizia: “as pulsões são a nossa mitologia”);

4) As forças que regem nosso destino são inefáveis porém tremendamente eficazes em sua potência de materializar efeitos: Eros e Thanatos;

5) O sexo, a sexualidade, a libido, as zonas erógenas, o desejo, a “satisfação”, o Falo, a castração, a repressão, etc., são todos “representações” de processos simbólicos, e só alcançam sentido no interior do sistema conceitual que os sustentam;

6) Nossa Psiquê é um “aparelho”, sem localização anatômica, indefinível mas configurável, com uma topologia (Id, Ego, Super-ego), uma dinâmica (as forças em conflito que se digladiam em seu interior) e uma economia (as energias que nele se encontram e o modelam). Essa Metapsicologia toda é a construção imaginária produzida por Freud e vivificada por aqueles que a tomaram por “real”: virou teoria e prática profissional, e faz parte da existência de um número considerável de seres humanos. Não só faz parte: os modifica.

A Psicanálise é a Mitologia contemporânea (ou melhor, uma delas). Com esses mitos modernos, esses Édipos redivivos, esses Narcisos novamente debruçados em seus lagos fatídicos, esses Eros e Thanatos reinando e se divertindo às nossas custas, fazemos nossas vidas de sujeitos inventados, criados e recriados (às vezes mal-criados) por nossas próprias mãos (quer dizer, por nossas mentes criativas).

REFERÊNCIAS

ÁVILA, L.A – Psicanálise e Mitologia Grega. *Pulsional*, XV, 153, 2002, pp. 7-18.

CAMPBELL, J. – *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1993.

CLÉMENT, É - *Dicionário Prático de Filosofia*, São Paulo: Terramar, 1999.

DUROZOI, G - *Dicionário de Filosofia*, São Paulo: Papirus, 1999.

ELIADE – *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FREUD, S. – *Totem e Tabu* (1912). Edição Standard das Obras Psicológicas Completas, vol. XIII, pp. 13-162. São Paulo: Imago, 1995.

FREUD, S. – Artigos sobre Metapsicologia. *O Inconsciente* (1915). Edição Standard das Obras Psicológicas Completas, vol. XIV, pp. 165-222. São Paulo: Imago, 1995.

GRIMAL, P. – *A Mitologia Grega*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GRODDECK, G. – *O Homem e seu Isso*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

VERNANT, J.P. – *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Campinas, Papirus, 1992.

Volver a Bibliografía Georg Groddeck
Volver a Newsletter-8